

Brizola acorda de sonho de três décadas

305
O presidente Getúlio Vargas construiu o sem tempo. João Goulart continuou. Agora é a nossa vez." Não

foi. Mais uma vez, o sonho que já dura três décadas terá de ser novamente adiado por Leonel de Moura Brizola. A confirmação da passagem de Luiz Inácio da Silva, do PT, para o segundo turno pode até ter arquivado para sempre o desejo de Brizola de governar o Brasil. Aos 67 anos, parece justamente faltar tempo para o afilhado de Getúlio e cunhado de Jango tentar de novo — em 1994.

Dono de uma extensa e agitada biografia política, Leonel Brizola começou a vida pública na Constituinte gaúcha de 1947. Sonhava com as rampas do Itamaraty, então sede da Presidência, desde 1962. O exílio de 15 anos que lhe foi imposto nunca diminuiu tal objetivo. Ao contrário, o desterro parece ter incluído um sentido messiânico na inabalável vontade de ser presidente que esta gaúcho de Cruzinha, pequeno distrito de Carazinho, só admitiu publicamente há pouco tempo. Na

verdade, Leonel de Moura Brizola começou a traçar seu caminho pelo mundo cedo. Era um rapazinho vaidoso, que caprichava no gúme e cometia erros de concordância, o que não o impedia de ser o mais fervoroso orador de sua turma no Colégio Independência, de Carazinho. Antes, ainda guri, tinha trocado o nome por vontade própria. Ele foi batizado Itagiba, mas de tanto repetir o nome de Leonel Rocha pela casa, segurando espadas imaginárias, virou Leonel também. Rocha era um general maragato, o movimento federalista que o avô de Brizola, Manoel de Moura, e o pai, José Oliveira Brizola, defendiam. Antes que Leonel Brizola completasse um ano, seu pai tinha sido assassinado pelos chimangos, republicanos adversários dos maragatos.

Brizola foi para Porto Alegre em 1936, disposto a seguir os conselhos da irmã Francisca e entrar para a política. "Ele falava de modo normal, mas as lágrimas escorriam pelo rosto", recorda o reverendo Isidoro Pereira, que cuidou do rapaz e o embarcou num trem para a capital. "Os olhos dele estavam fixos no futuro", lembra Pereira.

Ex-vendedor de jornais e ilustrador de sapatos em Carazinho, Brizola foi ascensorista em Porto Alegre, antes de mudar para Viamão, onde estudou na prestigiada Escola Técnica de Agricultura. Além de se formar técnico rural, o rapaz granjeou sólida reputação de namorador, sempre bem ajambrado em fatiotas elegantes. Aos 18 anos passou num concurso para inspetor de moinhos do Ministério da

Agricultura e voltou a morar com a família — a mãe Oniva e mais três irmãos em Passo Fundo. Uma de suas irmãs morreu criança e outro se suicidou aos 17 anos.

De volta a Porto Alegre, Leonel Brizola já nutria profunda admiração por Getúlio Vargas quando o ditador foi deposto, em 1945. Nesta época, ele cursava engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) de manhã, vendia materiais para escritórios à tarde e fazia política à noite, sempre como ardoroso defensor do trabalhismo do PTB, ao qual acabara de se filiar.

Em 1947, com um discurso onde já se notava os elementos básicos do seu nacionalismo de esquerda, Brizola foi eleito deputado estadual, pelo Rio Grande do Sul. Na constituinte gaúcha ele conheceu João Goulart, também debutando em cargo político. Três anos depois, em 1º de março de 1950, Brizola se casou com Neusa, irmã de Jango. Getúlio foi um dos padrinhos. Nas eleições gerais daquele ano, o afilhado se reelegeu com a maior votação da história do Estado e Vargas voltou à presidência.

Um ano depois, Brizola conheceu sua primeira derrota nas urnas, na campanha para prefeito de Porto Alegre. Alcançaria este objetivo em 1955, eleito com 65.077 votos — bem menos do que os 103 mil votos que lhe haviam dado uma vaga de deputado federal, um ano antes. O próximo passo, o governo gaúcho, seria conquistado em 1958, com mais de 670 mil votos.

Neste período, a fama de centralizador, personalista e intolerante com a mínima contestação começou a respingar o perfil político de Brizola. Seu governo foi chacoalhado por duas cutucadas dadas nos EUA, ambas relacionadas com a nacionalização da Companhia Energética Riograndense, aliás, American Foreign Power Company, e com a Companhia Telefônica, aliás, International Telephone and Telegraph — I.T.T.

Mas seria no dia 25 de agosto de 1961 que Brizola entraria definitivamente para a História do País. Com a renúncia de Jânio Quadros, o ministro da Guerra, Odílio Denys, se opôs à posse do vice, João Goulart. Brizola se refugiou no Palácio do Piratini e discursou ferozmente no rádio. Era o início da "Campanha pela Legalidade", que conclamava o povo à resistência armada. "Distribuímos armas mediante assinatura de um recibo", recordou Brizola há pouco tempo, "mas muitos guardaram de lembrança".

As armas não foram necessárias. Convocado ao Palácio de Governo Gaúcho, o comandante do III Exército, Machado Lopes, foi recebido por uma multidão entoando o Hino Nacional. O militar saiu dali garantindo o apoio de suas tropas.



Brizola vota para presidente na quarta, no Rio de Janeiro: sentido messiânico na disputa pelo voto dos brasileiros

Brizola, de barba por fazer, é beijado pela mulher Neusa ao chegar a Montevideu: exilado por 15 anos pelo regime militar.

Passeio pela fazenda em Durazno, no Uruguai: base para contatos com Fidel e ponto de partida para Europa e Estados Unidos

Comício da sexta 13: fim

O Globo

Renato dos Anjos/AE

No Uruguai, a partida para um novo exílio

O movimento de 64 abortou a campanha presidencial de Brizola, que já estava nas ruas com o slogan "Cunhado não é presidente" — uma alusão à legislação que impedia candidaturas de parentes do chefe de governo. No Uruguai — para onde fugiu vestido de brigadista, e não de mulher —, Brizola continuou ativo na resistência ao movimento militar. Foi da guerrilha armada de Caparaó um dos fundadores. Brizola admite ter recebido dinheiro do governo revolucionário de Fidel Castro.

Fazendeiro em Durazno, Leonel Brizola tratou de criar ovelhas e de algumas cabeças de gado. A agropecuária substituiu articulações até 1977, quando ele foi expulso pelo governo uruguaio. Seu primeiro destino surpreendeu: os Estados Unidos. Depois foi para a Europa, onde se tornou amigo de socialistas de peso como Bettino Craxi, Michel Rocard, Willy Brandt e Mario Soares. Arrefeceu o discurso e foi quase como um estadista social-democrata que desembarcou de volta do exílio, em 7 de setembro de 1979. Lula, então, era um aliado potencial de uma frente de esquerda.

Agradecido pela anistia concedida por João Figueiredo, Brizola disse que ela era fruto da vontade do povo, o que, no entanto, não o impediu de tentar apresentar o presidente-general com um mandato adicional de dois anos. A manobra, conta-se, visava facilitar a tentativa de Brizola chegar ao sonho da Presidência, pois as eleições iriam coincidir com seu final de governo no Rio de Janeiro, para o qual foi eleito em 1982, após uma espetacular queda-de-braço estatística com o Proconsult, instituto que insistiu em dar a vitória para seu rival Moreira Franco.

Menos Ciepês do que pretendia, um Sambódromo, pequenos escândalos familiares, acusações de envolvimento com o jogo do bicho e o tráfico organizado pontilharam seu governo no Rio. Mas os olhos de Brizola permaneciam voltados para Brasília. Tal fervor por um desejo levou o candidato do PDT a disparar xingamentos ou alianças para a esquerda ou para a direita, apesar do cuidado com a área militar. O esforço, mais uma vez, revelou-se inútil. Resta saber se o brizolismo e seu inspirador terão força e respaldo para tentar de novo.



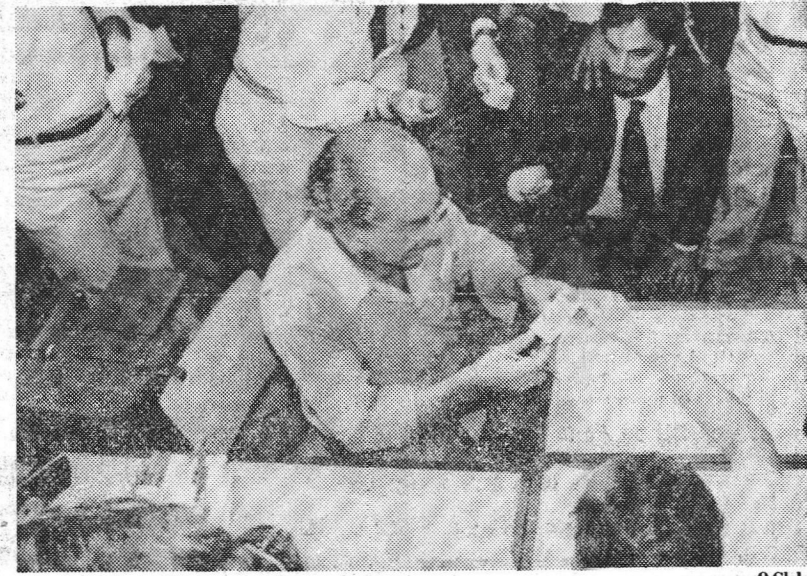
O retorno a São Borja, depois do exílio: batalha para resgatar a legenda do PTB, que acabou ficando com a deputada Ivete Vargas



Encontro com Lula, em 79: a frente ampla das esquerdas se transformou em acusações de parte a parte e candidaturas isoladas



Encontro com o presidente João Figueiredo, em 87: tentativa de apagar imagem de 'incendiário' cultivada nos meios militares brasileiros



Votando para governador do Rio, em 1982: vitória apertada e denúncias de fraude marcaram a última vitória eleitoral de Brizola

O Globo